

Marcus Alexandre Mendes de Andrade

**São Vicente entre dois mundos
(VII-VIII)**

Prefácio de Tiago de França da Silva

2022

A Padre Onésio Moreira Gonçalves, CM, que foi meu primeiro e último superior na Congregação da Missão e, acima de tudo, um amigo querido meu e de minha família. “Nada desgosta e abala tanto os iniciantes do que ver os antigos que não lhe dão bom exemplo” (VII, 501). E isso eu sei que o senhor não fez para mim nem para aqueles que ficaram sob sua direção espiritual. O senhor sempre foi um exemplo transbordante para todos nós!

*Dou graças a Deus e peço a Nosso Senhor que ele mesmo seja vossa força e
vossa vida, como é a força
de todos os que se nutrem de seu amor.
(VIII, 32)*

Prefácio

Recebi do amigo Marcus Alexandre a incumbência de escrever o prefácio deste livro. Fiquei feliz por ter recebido este convite, porque carrego comigo a espiritualidade vicentina, buscando praticá-la no cotidiano do meu ministério presbiteral. Inicialmente, pensei num longo prefácio, mas o tempo me é escasso para escrever. Por isso, quero apenas compartilhar com o leitor três breves apontamentos que julgo pertinentes para acompanhar esta excelente síntese feita pelo amigo Marcus, com tanta competência e amor.

1. O amor de São Vicente de Paulo pelos Pobres

O Espírito fez nascer na Igreja grandes reformadores, que a recolocaram em sintonia com o Evangelho: São Vicente é um deles. O Espírito do Senhor sopra onde quer e quando quer, sempre em vista do Reino de Deus. O carisma vicentino responde a uma necessidade da Igreja, a uma necessidade determinada da Igreja. Isso não significa que tenha se vencido. Isso não acontece com carisma algum, pois o mesmo Espírito que o faz surgir também o atualiza quando há pessoas dispostas a encarná-lo no hoje da história.

No centro do carisma vicentino está Jesus de Nazaré. Para São Vicente, Jesus é o evangelizador dos Pobres. Em todas as épocas da história da Igreja, os Pobres estiveram presentes e atuantes. São eles que fazem a Igreja, porque são, como dizia São Lourenço, diácono e mártir, o tesouro da Igreja. São Vicente meditou e compreendeu a essência da mensagem cristã: o encontro do Pobre de Nazaré com a realidade vivida pelos Pobres. Jesus é um Pobre entre os Pobres, sem os quais é impossível compreender a sua mensagem.

O amor de São Vicente pelos Pobres é profundamente evangélico. Ele tocou o coração mesmo do mistério da encarnação de Deus no mundo. Na manjedoura está o Salvador, despossuído de tudo, humanamente frágil e escandalosamente amoroso. São Vicente sabia da profundidade do amor de Deus pelos Pobres, e sabia também que os Pobres constituem a chave fundamental de leitura e interpretação do Evangelho. Suas cartas revelam isso. O mistério de Deus passa pelos Pobres e por eles é revelado com beleza e profecia.

No Seminário Interno, todo lazarista conhece esta dimensão fundamental do carisma: sua destinação exclusiva aos Pobres. A Congregação da Missão e a Companhia das Filhas da Caridade nasceram para os Pobres, para a evangelização deles. O padre da Missão sabe que seu ministério está destinado ao cuidado pastoral dos esquecidos e últimos deste mundo. A emissão dos votos de castidade, pobreza, obediência e estabilidade está voltada para a realização fecunda desta destinação exclusiva.

Quando passei pelo Seminário Interno, bebi desta fonte, que me marca até hoje. Quando encontro os Pobres, me vem logo a recordação das lições de São Vicente: “Os Pobres são os nossos mestres e senhores”. Esta afirmação vicentina é de uma profundidade evangélica sem limites. São Vicente sabia que ao servir aos Pobres estava servindo ao próprio Cristo Jesus. Tocar na carne ferida dos Pobres é tocar na carne de Cristo. O carisma perde o seu sentido quando os Pobres são esquecidos. Atualizar o carisma é buscar cada vez mais a proximidade com os Pobres de nossos dias.

2. São Vicente de Paulo e os Pobres de nossos dias

Estamos vivendo tempos sombrios. Reinam no mundo a ignorância, a intolerância, a cultura do ódio e da eliminação dos outros. O Papa Francisco tem sido a voz que grita no deserto. É uma

referência respeitada no mundo inteiro. Em todo lugar do mundo se escuta o clamor dos Pobres: milhões de pessoas clamam por justiça e paz. Inúmeras vidas ceifadas pela selvageria do sistema capitalista. E para piorar a situação, têm ressurgido, em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, certas manifestações de culturas de morte ligadas ao fascismo e ao nazismo. A humanidade assiste, estarrecida, a uma onda forte de violência, que cria um clima de medo.

Em meio a este clima infernal de desespero, quem se recordará dos Pobres? O que será dos mais frágeis, esmagados pela cultura de morte hegemônica? Hoje, São Vicente estaria do lado dos esmagados por esta terrível onda de violência. Em todas as épocas, os Pobres foram e continuam sendo as vítimas dos que dominam e oprimem. Quem são as maiores vítimas das crises econômica, política, ambiental e social nas quais estamos mergulhados até o pescoço? Quem são as vítimas da violência policial nas grandes cidades? Pensar o carisma de São Vicente sem olhar a realidade dos Pobres é construir afirmações vazias e sem sentido. São Vicente nos fala hoje no clamor dos desesperados.

Quem ignora este clamor ignora o próprio Jesus que clama por justiça e paz e, conseqüentemente, não compreende o zelo vicentino pelos Pobres. Na Igreja e na sociedade, graças à generosidade de corações sensíveis à dor do outro, há inúmeras iniciativas e grupos que se empenham em mitigar a dor dos Pobres e barrar a onda avassaladora da violência. São Vicente nos recorda que a fé em Jesus passa pelo cuidado do outro, especialmente os Pobres e esquecidos deste mundo. Portanto, é inconcebível se identificar com o carisma vicentino e aderir às forças de destruição dos Pobres.

Optar por Jesus pressupõe optar pelos Pobres: esta é uma exigência do carisma vicentino. Em outras palavras, a opção pelos Pobres, coração da mensagem evangélica, nos coloca em sintonia

com Jesus e com seus prediletos. Hoje, os seguidores de Jesus e os que bebem do carisma de São Vicente precisam ser corajosos e decididos, para enfrentar todos aqueles que buscam, diuturnamente, deslegitimar as iniciativas e projetos que visam à promoção da dignidade dos Pobres. A ação dos violentos é sistemática e insistente. São lobos ferozes que não se cansam se perseguir e matar. Derramam o sangue inocente, sem nenhuma culpa ou constrangimento. São sanguessugas: acostumaram-se a viver do suor e do sangue alheio. Enfrentar esta gente exige coragem, fé e muito amor no coração.

3. Com São Vicente de Paulo, alimentar a esperança dos Pobres

Neste momento dramático da nossa história, não temos outra alternativa mais feliz e urgentemente necessária do que alimentar e despertar a esperança dos Pobres. A esperança dos Pobres vive! Nas pegadas de Jesus e São Vicente, podemos contribuir para que surja outro mundo possível. Não podemos pensar que tudo está perdido, porque não é a verdade. Há muita esperança em todo o mundo. Há muita gente generosa, que, como São Vicente, vive em função dos outros. Em meio aos sinais de morte, há os sinais de ressurreição.

O momento atual exige decisão e ousadia. Ninguém pode ficar em cima do muro. A neutralidade é posição falaciosa. Os que se dizem neutros estão, na verdade, do lado dos opressores. Por isso São Vicente foi claro na sua opção fundamental de vida: dedicou-se aos mais pobres do povo de Deus. Os que negam a opção pelos Pobres negam o próprio Evangelho e desconhecem a verdadeira face de Deus. Hoje, mais do que em outras épocas, é preciso afirmar esta verdade com convicção e clareza, gritando sobre os telhados: os inimigos dos Pobres são os inimigos da Cruz de Cristo Jesus!

O carisma e a espiritualidade de São Vicente constituem genuína tradução do Evangelho de Cristo Jesus. Portanto, cultivá-los é a melhor forma de viver a caridade evangélica. A espiritualidade vicentina é um modo de ser e de expressar o Evangelho em um mundo marcado pelo ódio aos Pobres. Este ódio expressa um grave déficit civilizatório em todo o mundo, especialmente no Brasil. O atraso humanitário é assustador. Na contramão de tudo isso está a esperança, que insiste em inaugurar um mundo novo.

Esperançosos, precisamos aproveitar as brechas que surgem. Não podemos perder tempo. Amar o próximo continua sendo gratificante; é a regra de vida do bom cristão. Com São Vicente aprendemos a ter os olhos fixos em Jesus, arriscando-nos a viver por amor. A aventura do amor salvará a humanidade do colapso definitiva. Há uma santa teimosia que insiste em sobreviver, apesar de tudo.

Este quarto livrinho da coleção “São Vicente entre dois mundos” pretende ser o óleo abençoado que conforta e encoraja o missionário a caminho. O amigo Marcus Alexandre é muito feliz em suas páginas. Soube traduzir o sentimento de São Vicente, seu coração santo e generoso. Nas cartas de São Vicente, referenciadas pelo autor, encontramos o Santo já na idade avançada, maduro e convencido da sua missão. São Vicente tinha clareza evangélica do chamado que Deus lhe fez. Ele se apressa em traduzir, com simplicidade e profundidade, o amor de Deus pelos mais pobres.

Conheci o amigo Marcus Alexandre nas lidas da Missão. Aprendi com ele, nos tempos de Seminário Interno, no Vale do Jequitinhonha, a tocar na carne dos Pobres. Gostava de ouvi-lo falar da biografia de São Vicente e dos demais santos da Família Vicentina. Pude testemunhar a sua coragem e criatividade missionária junto aos

Pobres daquele Vale e do Triângulo Mineiro. Comigo mesmo, pensava: São Vicente marcou muito esse jovem padre! Sua alegria e disposição no serviço missionário eram contagiantes. Por isso, recomendo vivamente ao leitor que leia com atenção, nas páginas que seguem, as palavras de São Vicente e o comentário lúcido e ousado do Marcus Alexandre. Que o Bom Deus o recompense por esta valiosa contribuição à espiritualidade cristã vicentina!

Boa leitura, fraterno abraço!

Padre Tiago de França da Silva¹

Desde a Diocese de Parnaíba, Piauí, no nordeste do Brasil.

27 de novembro de 2022

(Solenidade de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa)

¹ Tiago de França da Silva nasceu em Colônia Leopoldina-AL, no dia 04 de agosto de 1984. Deu início à formação na Província de Fortaleza da Congregação da Missão. Em agosto de 2009, foi transferido para a Província Brasileira da Congregação da Missão. Foi admitido à Congregação da Missão no dia 20 de janeiro de 2011. Deixou a Congregação em junho de 2012. Permaneceu em Belo Horizonte, onde lecionou Educação Religiosa e Filosofia no Colégio Frei Orlando (2013) e Colégio Santa Maria (2015-2018). Kursou Direito na Escola Superior de Direito Dom Helder Câmara (2013-2017). É advogado inscrito nos quadros da OAB-MG. Retornando para o seminário, em Teresina-PI, concluiu o curso de Teologia no Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí. Foi ordenado padre no dia 13 de novembro de 2021, pela diocese de Parnaíba.

Introdução

Este é o quarto livrinho da coleção “São Vicente entre dois mundos”, o último acerca das correspondências do Santo, e traz meditações sobre os volumes VII e VIII da coleção de Pierre Coste. Mesmo tendo sido publicado após o quinto livro, e isso devido à ordem de publicação das obras completas traduzidas para o português, este ocupa o quarto lugar na coleção de meditações.

Versando sobre suas cartas, escritas entre 01 de dezembro de 1657 e os primeiros dias de setembro de 1660, estas meditações trazem São Vicente em seus últimos anos.

Particularmente nos últimos meses de sua existência, suas cartas mostram São Vicente correndo contra o tempo, mesmo estando preso em seu quarto devido às suas debilidades, em especial um problema sério em suas pernas, que o impedia de sair do espaço restrito de suas acomodações pessoais. “É verdade que sofro um pouco com minhas pernas doentes, que não me permitem movimentar de um lugar para o outro sem grande dificuldade” (VIII, 349)². Esta enfermidade, com o passar dos meses, foi só se agravando, como ele mesmo testemunhou em várias ocasiões.

Peço-vos perdão por ter demorado tanto em dar-vos uma resposta, devido aos meus empecilhos e minhas enfermidades, que me obrigam a deixar muitas coisas que gostaria bastante de fazer. (VIII, 361)³.

É verdade que sofro um pouco minhas pernas doentes, que não me deixam descansar de noite, nem caminhar de dia, nem mesmo me manter em pé. (VIII, 372)⁴.

² Carta a Jean Martin, 28/maio/1660.

³ Carta a uma Religiosa da Visitação, 27/jun./1660.

⁴ Carta a Jean Martin, 16/jul./1660.

Tal agravamento passou a dar-lhe ainda mais urgência em tudo o que sabia que precisava fazer. Infelizmente, sua condição física não acompanhava seu zelo nem sua disposição missionária. Com efeito, muitas das correspondências que recebeu nas últimas semanas de vida testemunham claramente seu definhar...

Por diversos lados foi-me dito que não gozais da saúde necessária para que continueis vossas imensas caridades e que vos desejaria minha afeição cordial, afeição recíproca, eu sei. Podeis facilmente imaginar a dor que sinto. Todos os dias penso em vós. Evitai, eu vos peço, as ocupações fatigantes, as vigílias prolongadas, a fim de poder entregar-vos mais eficazmente ao bem das almas e a vossos trabalhos mais importantes. Tomei conhecimento, com grande satisfação, de que o Santo Padre, o Papa, vos permitiu substituir a oração do ofício divino por outras orações menos cansativas. Rogo-vos, pela imensa afeição que vos tenho, que aproveiteis esta dispensa como fazem outros menos indispostos e menos absorvidos por obras úteis às almas do que vós. (VIII, 547)⁵.

Tendo consciência dessa sua condição e sabendo que seus dias estavam contados, o Santo precisava orientar seus missionários, espalhados em inúmeras casas e já em vários países, e as Filhas da Caridade, bem como todos os seus colaboradores mais próximos.

A maturidade de São Vicente e o desejo profundo de que sua obra não terminasse no dia de seu ocaso pessoal transparecem em cada linha dessas cartas. Elas são como que seu testamento e dão a impressão de que, em cada uma, ele quis colocar sua última palavra para seu interlocutor, já que não sabia se conseguiria escrever-lhe novamente, como é o caso de uma carta a um dos Irmãos da Congregação: “Esta carta visa apenas dizer-vos que nada tenho a dizer-vos. Vivei sempre em Deus e conservai-vos para seu serviço e nossa consolação” (VIII, 197)⁶.

⁵ Carta do Cardeal Paulo Nicolau Bagni a São Vicente, 19/set./1660.

⁶ Carta a Jean Parre, entre 1657 e 1660.

Os temas tratados são os de sempre, desde a mais profunda espiritualidade até os desafios inerentes ao serviço dos Pobres, passando pela vida comunitária e o exercício da autoridade. O diferencial é a experiência existencial do Santo e a sentida proximidade de sua morte, que faz com que tudo tenha que ser resolvido com muita precisão e firmeza.

O leitor, munido destas meditações, poderá encontrar, como nos outros livrinhos da presente coleção, o coração pulsante do Santo da Caridade e suas mais profundas convicções, expressas na extensa correspondência estabelecida com seus muitos e variados interlocutores. Neste sentido, a afirmação de uma de suas cartas, serve perfeitamente aqui: “Suplico-vos humildemente aceitar que eu derrame em vosso coração os sentimentos do meu” (VII, 288)⁷.

Nunca é demais lembrar que tais meditações são escritas “entre dois mundos”, no sentido mais amplo que essa expressão pode ter. Entre os mundos do século XVII e o atual, entre o mundo específico da Vida Consagrada e a vida secular, entre o passado e o presente. Sempre em vista de um futuro melhor, em que os Pobres, herdeiros por excelência do Reino de Deus, sejam mais servidos e amados por todos os seguidores de Jesus.

Boa leitura a todos!

⁷ Carta ao Senhor Desbordes, 05/set./1658.

A Providência divina (I)

*O bom Deus faz sempre nossos negócios, quando fazemos os dele.
(VII, 392)⁸*

A confiança na Providência divina sempre foi uma constante na vida e nas obras de São Vicente. Desde o início da Congregação da Missão, foi por ela inspirado e conduzido, de modo a fazer sempre a vontade de Deus e nada mais do que isso.

Narrando sobre os primeiros tempos da Companhia, faz questão de dizer que tudo ocorreu de acordo com a vontade de Deus e pela condução de sua Providência. Afinal, sempre contou com o apoio de colaboradores, tanto para a pregação das primeiras missões como para o cuidado de sua casa, chegando a deixar a chave com um de seus vizinhos. Em tudo, via Deus agindo e fazendo cumprir seu desígnio sobre ele e a obra que estava sendo iniciada.

Será, portanto, com um padre externo que empreenderemos essa fundação, se aprouver a Deus que ela se faça, tanto mais que foi assim que a nossa Missão começou. Éramos dois padres associados, que tomamos um terceiro com salário para ir trabalhar conosco na salvação do pobre povo do campo e um outro homem para cuidar da casa. (VII, 361)⁹.

Esta experiência tão fecunda da Providência e da confiança no agir de Deus fez com que São Vicente instrísse diuturnamente os seus colaboradores. Chamava-os à confiança irrestrita no Senhor e incentivava-os a confiar além de todas as expectativas que podiam cultivar.

Toda vez que a Congregação estava discutindo uma nova fundação ou alguém oferecia ao Santo um recurso para uma nova

⁸ Carta Jacques Pesnelle, 08/nov./1658.

⁹ Carta ao Cônego Pierre Dulys, entre out./1657 e jul./1659.

casa missionária ou trabalho apostólico, mais ainda São Vicente se dispunha a escutar os desígnios de Deus e a acolher sua vontade.

O êxito do negócio que se processa em Roma depende mais da vontade divina que da recomendação dos homens. Por isso, é preciso confiar unicamente em Deus e rezar para que ele o encaminhe segundo seu beneplácito. É o que faremos. É preciso esperar com paciência a consolidação de vossa fundação. As obras de Deus não se fazem de repente, mas pouco a pouco. (VII, 489)¹⁰.

O Santo tinha convicção de que não adiantava os homens se anteporem à vontade de Deus ou forçarem a barra para que as coisas acontecessem. E isso por muitos motivos: porque os homens não tinham a compreensão absoluta da vontade de Deus; porque suas vontades nem sempre correspondiam ao melhor e ao esperado pelo Senhor; e porque os caminhos de Deus são por vezes inescrutáveis e sempre impossíveis de serem controlados.

Por isso que é preciso acompanhar *pari passu* a vontade de Deus e sua Providência, sem jamais se antecipar nem forçar demais os processos históricos. A obra de Deus se faz na hora certa e de acordo com o tempo definido por Deus.

Aos homens, ao contrário do que se pode pensar, não cabe a passividade. Isso jamais. No entanto, cabem-lhes a confiança total e o abandono aos desígnios do Senhor.

Os homens propõem e Deus dispõe. E a Providência já desfez tantas vezes seus cálculos [do Marechal de La Meilleraye] e impediu tantas vezes esse projeto que nada se deve prometer a respeito. Entretanto, sempre devemos tender, no que depende de nós, para a execução do projeto, já que concerne à glória do Mestre, a quem servimos, dar muitas vezes à perseverança os sucessos que recusou aos primeiros esforços; e se compraz muitíssimo em provar seus operários, antes de entregar-lhes obras difíceis, a fim de fazê-los merecer, pelo exercício de sua fé, de sua esperança e de seu

¹⁰ Carta a Jean Martin, 17/jan./1659.

amor, a graça de ir difundir essas virtudes nas almas que não as têm. (VII, 567)¹¹.

Na leitura de São Vicente, muitas vezes os esforços humanos podem não servir para absolutamente nada. Afinal, quem decide o processo é sempre Deus. Para tanto, o Santo recomenda perseverança ativa e atenta à vontade do Senhor, numa tentativa de se acompanhar calmamente o que Deus quer e como ele quer realizar a sua obra. Segundo suas palavras, mais vale a perseverança do que o esforço estéril. Perseverar na vontade divina, acolhendo a forma do agir de Deus, é a melhor ação a que o homem pode se dedicar para ver dar frutos o labor de suas mãos.

Por outro lado, São Vicente insiste na necessidade da perseverança porque é preciso provar os operários do Reino, a fim de que lhes sejam entregues obras difíceis, exigentes e de muito esforço. Se tais missionários não se tornam experimentados pela fé e não são burilados pela perseverança, dificilmente darão conta dos grandes desafios que a vida apostólica lhes trará.

Esta confiança e aperfeiçoamento espiritual e humano, por sua vez, exigem a superação das insatisfações e dos próprios achaques humanos. É sabido que os homens são facilmente dobrados pelos desejos de conforto e tranquilidade, pela realização de suas vontades, sem olhar muito para as grandes necessidades coletivas e sociais. Nem mesmo para as necessidades espirituais e apostólicas da Igreja e do Reino de Deus. Por isso, é preciso que a abertura à Providência divina fortaleça os missionários e os capacite para a missão.

É preciso colocar-vos nas mãos de Deus, quanto ao tempo e à forma de vossa fundação, e suportar com paciência os

¹¹ Carta a Francisco Herbron, 19/abr./1659.

incômodos do alojamento e as outras necessidades. (VII, 63)¹².

Colocar-se nas mãos de Deus não significa, necessariamente, conforto e abundância de bens. Muitas vezes, o abandono em Deus traz consigo perseguições, dificuldades de toda sorte, problemas estruturais na atividade missionária, sofrimentos e incômodos de todo gênero. No entanto, todos esses obstáculos não podem ser um problema nem representar o desencanto dos servidores do Reino. É preciso ir além de todas essas questões e colocar-se, com alegria e generosidade, a serviço do Reino. Nenhuma dificuldade pode ser maior do que a absoluta confiança no Senhor.

Ademais, é preciso perceber, como ensina São Vicente, que muitas vezes Deus tira proveito de onde se tem as maiores dificuldades. Confiar nele exige um olhar para além das experiências sensíveis que os missionários fazem. Exige um passo a mais na fé. Um salto de confiança radical no seu projeto e em sua ação salvífica no mundo.

O bom Deus tira proveito onde nós não encontramos satisfação. Deixai-o agir, minha irmã, confiai bastante na sua assistência. (VIII, 366-367)¹³.

Para meditação pessoal ou em grupo:

1. Você confia realmente na Providência divina?
2. Nas obras em que trabalha, você percebe a ação de Deus para além das dificuldades e obstáculos enfrentados?

¹² Carta a Jean Martin, 11/jan./1658.

¹³ Carta a Ana Denoual, 09/jul./1660.